

EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE NO CERRADO: A CHAPADA DOS VEADEIROS COMO TERRITÓRIO DE APRENDIZAGEM, PERTENCIMENTO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

*EDUCATION FOR SUSTAINABILITY IN THE CERRADO:
CHAPADA DOS VEADEIROS AS A TERRITORY OF LEARNING,
BELONGING AND ENVIRONMENTAL CONSERVATION*

Nívia Helena de Melo Lopes¹

Resumo: Este artigo analisa as possibilidades de articulação entre educação, sustentabilidade e território na Chapada dos Veadeiros, compreendida como espaço educativo do Cerrado. Parte-se do entendimento de que a sustentabilidade não pode ser reduzida à preservação abstrata da natureza, pois envolve disputas por água, turismo, fogo, conservação, modos de vida e responsabilidades coletivas. O objetivo consiste em discutir como o Cerrado pode ser trabalhado pedagogicamente a partir de uma perspectiva crítica, contextualizada e territorializada. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, mobilizando autores da educação ambiental crítica e documentos oficiais sobre o Cerrado, a Chapada dos Veadeiros e as políticas educacionais ambientais brasileiras. O estudo evidencia que a Chapada, por reunir biodiversidade, patrimônio natural, comunidades, conflitos socioambientais e práticas de visitação, oferece condições para uma educação ambiental que ultrapasse campanhas pontuais e atitudes individuais. Defende-se que cartografias socioambientais, estudos sobre água e fogo, análise do turismo responsável, escuta de sujeitos locais e projetos interdisciplinares podem fortalecer o pertencimento territorial e a leitura crítica da realidade. Conclui-se que a Chapada dos Veadeiros

1 Licenciatura em Geografia. Especializações e pós-graduação Psicomotricidade; O Ensino e a Pesquisa em Geografia e o Meio Ambiente; Psicopedagogia com ênfase em Educação Especial e Educação Inclusiva; Especialização em Gestão da Educação Pública; Neuropsicopedagogia Clínica; Curso de Terapia de Reprocessamento Generativo. Professora da Secretaria de Estado da Educação de Goiás - SEDUC/GO. Email: nivia.lopes@seduc.go.gov.br

constitui território educativo potente para formar sujeitos comprometidos com a defesa do Cerrado como bem comum, em sua dimensão ecológica, social, cultural, política e pedagógica contemporânea brasileira.

Palavras-chave: Educação ambiental crítica. Cerrado. Chapada dos Veadeiros. Sustentabilidade. Território educativo.

Abstract: This article analyzes the possibilities of articulating education, sustainability and territory in Chapada dos Veadeiros, understood as an educational space within the Cerrado. It starts from the understanding that sustainability cannot be reduced to the abstract preservation of nature, since it involves disputes over water, tourism, fire, conservation, ways of life and collective responsibilities. The objective is to discuss how the Cerrado can be pedagogically addressed from a critical, contextualized and territorialized perspective. The research adopts a qualitative, bibliographic and documentary approach, drawing on authors from critical environmental education and official documents on the Cerrado, Chapada dos Veadeiros and Brazilian environmental education policies. The study shows that Chapada, by bringing together biodiversity, natural heritage, communities, socio-environmental conflicts and visitation practices, offers conditions for an environmental education that goes beyond occasional campaigns and individual attitudes. It argues that socio-environmental cartographies, studies on water and fire, analysis of responsible tourism, listening to local subjects and interdisciplinary projects can strengthen territorial belonging and the critical reading of reality. It concludes that Chapada dos Veadeiros constitutes a powerful educational territory for forming subjects committed to defending the Cerrado as a common good, in its contemporary Brazilian ecological, social, cultural, political and pedagogical dimensions.

Keywords: Critical environmental education. Cerrado. Chapada dos Veadeiros. Sustainability. Educational territory.

Introdução

A discussão sobre sustentabilidade no Cerrado não pode ser reduzida a uma defesa abstrata da natureza, distante das disputas que atravessam os territórios. Na Chapada dos Veadeiros, essa questão ganha corpo porque biodiversidade, turismo, água, comunidades, conservação e pressão econômica convivem no mesmo espaço. Educar nesse contexto exige mais do que apresentar o bioma como conteúdo escolar ou paisagem admirável.

Exige formar sujeitos capazes de perceber que o território ensina, denuncia, provoca e convoca responsabilidades diante de um Cerrado historicamente ameaçado, disputado e ainda pouco compreendido.

O Cerrado ocupa um lugar contraditório no debate ambiental brasileiro. Embora seja um dos biomas mais estratégicos do país, durante muito tempo foi tratado como paisagem pobre, seca e disponível à conversão produtiva. Essa imagem não é neutra, pois ajuda a naturalizar a perda de vegetação, a expansão de monoculturas e o apagamento de modos de vida ligados ao território. Ao reconhecer o Cerrado como hotspot mundial de biodiversidade, o Ministério do Meio Ambiente recoloca esse bioma como patrimônio ecológico, social e político que precisa ser defendido com urgência (BRASIL, 2022), sem adiamentos sociais.

Na Chapada dos Veadeiros, a importância do Cerrado aparece de modo concreto e sensível. O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros protege 240.586,56 hectares, conforme registro do ICMBio, e guarda formações vegetais, rios, cachoeiras, campos rupestres, nascentes e espécies adaptadas a uma dinâmica ecológica singular (ICMBIO, 2026). Contudo, a existência de uma unidade de conservação não elimina as tensões do território. Ao contrário, torna visível a necessidade de discutir conservação, pertencimento, uso público, educação ambiental e justiça socioambiental de maneira articulada, permanente e partilhada.

O reconhecimento da região pela Unesco, como parte do sítio Cerrado Protected Areas: Chapada dos Veadeiros and Emas National Parks, amplia a responsabilidade pública sobre esse território (UNESCO, 2001). Esse título, entretanto, não deve ser lido apenas como chancela turística ou símbolo de prestígio internacional. Ele precisa ser compreendido como alerta pedagógico e político. Se a Chapada é patrimônio natural mundial, sua proteção não pode depender apenas da visita encantada, mas de práticas educativas capazes de problematizar os sentidos atribuídos ao Cerrado, vivo, disputado e socialmente partilhado.

A sustentabilidade, nesse recorte, não se resume à preservação de paisagens belas nem ao uso controlado de atrativos naturais. A Chapada dos Veadeiros é também espaço de disputas por água, circulação turística, pressões imobiliárias, queimadas, desigualdades econômicas e diferentes formas de pertencimento. Essas questões impedem uma abordagem ingênua da educação ambiental. Ao defender uma perspectiva crítica, Loureiro (2012) ajuda a situar o ambiente como campo de relações sociais,

econômicas, culturais e políticas, e não como natureza separada da vida humana e coletiva no território vivido coletivamente.

Quando a escola aborda o Cerrado apenas como capítulo do livro didático, perde a possibilidade de aproximar conhecimento e realidade vivida. A Chapada dos Veadeiros permite transformar rios, trilhas, áreas queimadas, comunidades, nascentes, placas turísticas e unidades de conservação em problemas de investigação. Nesse movimento, a educação para a sustentabilidade deixa de ser repetição de conceitos corretos e passa a envolver leitura territorial. O estudante não aprende apenas sobre o Cerrado; aprende a perguntar quem o protege, quem o ameaça e quem decide sobre seus usos cotidianos no lugar vivido local.

Grande parte das práticas escolares chamadas de educação ambiental ainda permanece presa a campanhas pontuais, datas comemorativas e orientações individuais sobre preservar, reciclar ou economizar água. Embora essas ações tenham algum valor formativo, tornam-se frágeis quando não enfrentam as causas históricas e políticas da degradação. Layrargues (2012) problematiza justamente esse esvaziamento da sustentabilidade quando ela é separada dos conflitos sociais. Na Chapada, essa crítica é decisiva, pois a paisagem preservada convive com pressões invisíveis ao visitante comum e ao morador local atento hoje.

A Chapada dos Veadeiros pode ser compreendida como território educativo porque ensina por meio de sua própria complexidade. O fogo, por exemplo, não pode ser tratado apenas como destruição, pois também compõe dinâmicas ecológicas do Cerrado; ao mesmo tempo, seu manejo inadequado produz perdas graves. O turismo gera renda, mas pode reforçar desigualdades e usos predatórios. A água encanta quem visita, mas revela dependências, disputas e fragilidades. Essa ambivalência torna o território potente para práticas pedagógicas que aproximem ciência, experiência e responsabilidade coletiva no cotidiano escolar local.

A educação ambiental crítica precisa recuperar o vínculo entre pertencimento e conservação. Não se protege de modo consistente aquilo que é visto como distante, abstrato ou pertencente apenas ao Estado. A escola, os projetos comunitários e as ações educativas ligadas à Chapada podem fortalecer outra relação com o Cerrado quando reconhecem estudantes, moradores, guias, trabalhadores e comunidades como sujeitos do território. Carvalho (2017) contribui para essa leitura ao pensar a formação do sujeito ecológico como processo ético, sensível e politicamente situado na realidade vivida do lugar e seus conflitos.

Esse debate também exige cuidado para não transformar a Chapada dos Veadeiros em cenário romântico. Para alguns, ela aparece como refúgio, destino turístico ou experiência espiritual; para outros, é lugar de trabalho, moradia, memória, conflito e sobrevivência. A educação não pode apagar essas diferenças. Inspirada em Freire (1996), uma prática pedagógica comprometida com o território precisa partir da leitura crítica da realidade, valorizando o diálogo e recusando a ideia de que os sujeitos locais sejam apenas informantes, figurantes ou guardiões idealizados da natureza no debate público do território.

Desse modo, compreender a Chapada como território educativo significa reconhecer que o Cerrado não é apenas objeto de estudo, mas espaço onde se cruzam biodiversidade, cultura, economia, política e vida cotidiana. Essa compreensão desloca a educação ambiental de uma posição ornamental para uma função formadora mais exigente. O território deixa de ser pano de fundo e passa a ser categoria de análise. Nele, estudantes e educadores podem interpretar conflitos, reconhecer saberes, questionar impactos e construir práticas de sustentabilidade vinculadas à experiência concreta local, regional e coletiva no território.

Diante desse recorte, este artigo tem como objetivo analisar as possibilidades de articulação entre educação, sustentabilidade e território na Chapada dos Veadeiros, discutindo como o Cerrado pode ser trabalhado pedagogicamente a partir de uma perspectiva crítica e contextualizada. A questão que orienta a reflexão é: como a Chapada dos Veadeiros pode ser mobilizada como território educativo para fortalecer práticas de educação ambiental voltadas à sustentabilidade do Cerrado? A resposta será construída por meio de pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa e interpretativa das fontes.

Metodologia

A metodologia deste artigo assume abordagem qualitativa, por compreender que a relação entre sustentabilidade, Cerrado e Chapada dos Veadeiros não pode ser explicada apenas por dados ambientais isolados. O território é tomado como espaço vivo, atravessado por relações sociais, políticas, econômicas, culturais e ecológicas. Em diálogo com Minayo (2014), entende-se que a pesquisa qualitativa permite analisar processos, valores, sentidos e disputas que não se reduzem à mensuração, mas

exigem leitura crítica do contexto estudado e das contradições que nele se manifestam.

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e documental. A dimensão bibliográfica sustenta o diálogo com autores da educação ambiental crítica, da formação humana e da relação entre sociedade e natureza, especialmente Loureiro (2012), Layrargues (2012), Carvalho (2017), Sauv  (2005), Guimarães (2004), Reigota (2017) e Freire (1996). A dimensão documental envolve fontes oficiais sobre o Cerrado, a Chapada dos Veadeiros e a educa o ambiental no Brasil, incluindo materiais do Ministério do Meio Ambiente (Brasil, 2022), ICMBio (2026), Unesco (2001), Política Nacional de Educa o Ambiental (Brasil, 1999), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educa o Ambiental (Brasil, 2012) e BNCC (Brasil, 2018), todos analisados criticamente.

O recorte territorial concentra-se na Chapada dos Veadeiros, compreendida não como cenário ilustrativo, mas como território educativo do Cerrado. Essa escolha permite relacionar biodiversidade, água, fogo, turismo, comunidades, conserva o e disputas socioambientais em uma mesma análise. A delimita o não pretende representar toda a complexidade regional, mas tomar a Chapada como campo potente para pensar a educa o para a sustentabilidade. Assim, o estudo articula documentos institucionais e literatura acad mica para compreender como o território pode provocar práticas pedagógicas críticas e contextualizadas.

A sele o das fontes seguiu critérios de pertinência temática, relevância acad mica e autoridade documental. No campo teórico, foram priorizados autores que tratam a educa o ambiental como prática crítica, coletiva e situada, evitando perspectivas limitadas   mudança de comportamento individual. No campo documental, foram considerados textos legais, curriculares e institucionais que orientam políticas ambientais e educacionais. Como observa Cellard (2008), documentos precisam ser analisados a partir de seu contexto, autoria, finalidade, linguagem e silêncios, pois têm também expressam disputas e escolhas políticas.

A análise foi organizada em três eixos interpretativos. O primeiro discute o Cerrado e a Chapada dos Veadeiros como território ecológico, social e político. O segundo aborda a educa o ambiental crítica e o pertencimento territorial como dimensões formativas. O terceiro examina possibilidades pedagógicas para trabalhar sustentabilidade a partir da Chapada. Essa organiza o evita separar natureza, escola e sociedade, pois parte da compreensão de que a crise ambiental não   apenas ecológica,

mas também histórica, econômica, cultural e educativa, exigindo leitura integrada do território vivido e disputado.

O artigo não realizou pesquisa de campo, entrevistas ou observações com sujeitos locais, o que delimita seu alcance como estudo bibliográfico e documental. Essa escolha não pretende substituir a escuta direta de estudantes, educadores, moradores, guias ou comunidades da Chapada, mas construir uma base teórica capaz de fundamentar futuras investigações e práticas educativas. Desse modo, a metodologia adotada mantém coerência com o objetivo proposto: analisar como a Chapada dos Veadeiros pode ser pensada como território educativo para fortalecer uma educação ambiental crítica voltada à sustentabilidade do Cerrado.

Cerrado, Chapada dos Veadeiros e sustentabilidade: território, biodiversidade e ameaça

O Cerrado não pode ser tratado como espaço vazio à espera de ocupação produtiva, embora essa tenha sido uma das imagens mais convenientes para justificar sua destruição. Trata-se de um bioma complexo, diverso e historicamente atravessado por disputas sobre terra, água, produção, conservação e modos de vida. Essa importância aparece nos documentos ambientais brasileiros, especialmente quando Brasil (2022) reconhece o Cerrado como hotspot mundial de biodiversidade, evidenciando sua relevância ecológica e sua vulnerabilidade diante da perda acelerada de habitats.

Na Chapada dos Veadeiros, essa complexidade deixa de ser abstração e se torna experiência territorial. O visitante encontra rios, cachoeiras, paredões, campos rupestres e trilhas; os moradores lidam com trabalho, moradia, sazonalidade econômica, incêndios, limites de acesso, especulação e pertencimento. Essa diferença de lugar social importa para a educação. A paisagem que encanta também denuncia desigualdades e pressões. Por isso, pensar sustentabilidade nesse território exige ir além da contemplação e enfrentar as relações que sustentam ou ameaçam o Cerrado no cotidiano local e regional.

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros ocupa papel central nessa discussão, mas não pode ser compreendido como solução isolada. Nos dados oficiais da unidade de conservação, ICMBio (2026) registra que o parque está inserido no bioma Cerrado e possui 240.586,56 hectares, área expressiva para proteção de paisagens, espécies, nascentes e formações

ecológicas singulares. Essa proteção, entretanto, ganha outro alcance quando Unesco (2001) reconhece a Chapada como patrimônio natural mundial, ampliando a responsabilidade pública sobre o território e sua conservação.

A força ecológica do Cerrado está justamente em sua diversidade de formas, ritmos e adaptações. Essa riqueza fica evidente quando Ribeiro e Walter (2008) descrevem o bioma como mosaico de diferentes fitofisionomias, incluindo campos, savanas e formações florestais. A leitura se aprofunda com Ab'Sáber (2003), ao situar os domínios naturais brasileiros como formações integradas entre relevo, clima, vegetação, águas e presença humana. Para a educação, isso impede tratar o Cerrado como paisagem simples, homogênea ou secundária.

O Cerrado também é território de águas, ainda que muitas vezes seja lembrado apenas pela seca. Suas chapadas, veredas, nascentes e cursos d'água conectam paisagem, abastecimento, biodiversidade e vida comunitária. Na Chapada dos Veadeiros, a água aparece como beleza cênica, atrativo turístico e condição de permanência ecológica. Reduzi-la a recurso de consumo ou imagem de divulgação turística empobrece sua função territorial. A educação para a sustentabilidade precisa mostrar que cada rio visitado também expressa dependências, conflitos, limites e responsabilidades coletivas do lugar vivido.

O fogo constitui outra dimensão indispensável para compreender o Cerrado. Não se trata de abordá-lo apenas como ameaça, nem de romantizá-lo como elemento natural. O bioma possui relações ecológicas históricas com o fogo, mas queimadas descontroladas, manejo inadequado e pressões humanas podem produzir danos profundos. Ao discutirem os desafios de conservação do Cerrado, Klink e Machado (2005) ajudam a situar esse bioma em um cenário de perdas intensas, no qual a Chapada permite educar para distinguir dinâmica ecológica, crime ambiental, manejo e negligência pública.

A sustentabilidade na Chapada dos Veadeiros também passa pelo turismo, atividade que produz renda, circulação e visibilidade, mas que pode reforçar desigualdades quando transforma território em mercadoria. Trilhas, cachoeiras e paisagens não são bens neutros disponíveis ao consumo ilimitado. São espaços atravessados por trabalho, regras, conservação, riscos e pertencimentos. Essa tensão dialoga com Diegues (2008), quando o autor questiona a separação rígida entre natureza protegida e presença

humana, mostrando que conservação sem sujeitos pode gerar apagamentos e injustiças territoriais.

A educação precisa tensionar a ideia de que preservar significa apenas afastar pessoas da natureza. Na Chapada, comunidades, guias, trabalhadores, moradores e estudantes não podem ser vistos como ameaça automática ao Cerrado. Eles também produzem saberes, cuidados, memórias e formas de pertencimento. O problema não é a presença humana em si, mas os modos desiguais, predatórios ou excludentes de ocupar e explorar o território. Por isso, a sustentabilidade exige leitura crítica das relações sociais que definem quem acessa, quem decide e quem suporta os impactos da exploração ambiental.

A análise da Chapada como território educativo exige aproximar conservação e justiça socioambiental. Klink e Machado (2005) evidenciam a gravidade das perdas no Cerrado e a urgência de estratégias consistentes de proteção; Diegues (2008), por outro caminho, lembra que a conservação não pode apagar sujeitos, comunidades e modos de vida. O diálogo entre essas perspectivas fortalece o argumento central desta seção: proteger o Cerrado não significa apenas cercar áreas naturais, mas construir pactos sociais, educativos e políticos capazes de sustentar a vida no território.

Essa compreensão impede que a Chapada dos Veadeiros seja reduzida a cartão-postal. A imagem da cachoeira intocada, embora atraente, esconde processos concretos: estradas que levam visitantes, comunidades que organizam serviços, brigadistas que combatem incêndios, gestores que regulam o uso público, moradores que disputam permanência e ecossistemas que sofrem pressões. A educação para a sustentabilidade precisa atravessar essa camada de beleza e perguntar pelas condições que tornam possível conservar, viver, trabalhar e aprender no Cerrado sem destruí-lo diante de interesses privados e coletivos.

Ao articular biodiversidade, território e educação, a Chapada dos Veadeiros revela que a sustentabilidade não nasce de discursos genéricos de preservação. Ela depende de conhecimento situado, participação social e enfrentamento das contradições que atravessam o Cerrado. A leitura de Brasil (2022) sobre a relevância ecológica do bioma ganha densidade quando aproximada de ICMBio (2026), pois os dados oficiais sobre o parque mostram que conservar exige tanto reconhecer o valor do Cerrado quanto fortalecer práticas concretas de cuidado, gestão e formação pública.

Assim, compreender o Cerrado e a Chapada dos Veadeiros como território de sustentabilidade significa reconhecer que a crise ambiental

não é apenas ecológica, mas também educativa, social e política. O bioma não será protegido por discursos genéricos de amor à natureza, nem por práticas escolares desconectadas da realidade. Ele exige formação crítica, pertencimento e capacidade de ler conflitos. Essa é a base para pensar a Chapada como território educativo: um lugar onde biodiversidade, memória, turismo, água, fogo e justiça socioambiental precisam ser estudados em conjunto.

Educação ambiental crítica e pertencimento territorial no cerrado

A educação ambiental, quando vinculada ao Cerrado, não pode permanecer presa a discursos de sensibilização genérica. Na Chapada dos Veadeiros, falar de sustentabilidade implica reconhecer que ambiente, território e formação humana se atravessam em experiências concretas de vida, trabalho, turismo, conservação e conflito. Essa leitura ganha força quando Loureiro (2012) situa a educação ambiental como prática social crítica, capaz de relacionar natureza, economia, cultura e poder, sem reduzir a crise ecológica a comportamentos individuais ou a escolhas isoladas.

A força pedagógica da Chapada dos Veadeiros está em permitir que a sustentabilidade deixe de ser palavra abstrata e ganhe chão. Rios, trilhas, áreas queimadas, comunidades, unidades de conservação, pousadas, estradas e nascentes podem ser tomados como problemas educativos, desde que a escola não os transforme em ilustrações superficiais. O território permite perguntar quem usa, quem cuida, quem decide, quem lucra e quem sofre os impactos das formas de apropriação do Cerrado. É nesse deslocamento que a educação ambiental se torna menos ornamental.

Muitas práticas escolares ainda tratam a educação ambiental como conjunto de atitudes corretas: não jogar lixo, economizar água, plantar árvores e reciclar materiais. Essas ações podem ter valor formativo, mas ficam frágeis quando aparecem desligadas das causas sociais, econômicas e políticas da degradação. Na Chapada dos Veadeiros, esse limite fica evidente, pois a paisagem preservada convive com pressões turísticas, disputas por água, queimadas, desigualdades locais e interesses privados. A escola precisa ajudar a enxergar essas camadas, não apenas repetir conselhos ambientais prontos.

A educação ambiental crítica exige deslocar o foco da culpa individual para a responsabilidade coletiva. O estudante não deve ser levado apenas

a corrigir comportamentos pessoais, mas a compreender como políticas públicas, modelos produtivos, consumo, turismo e decisões institucionais afetam o Cerrado. Essa direção aparece com força em Layrargues (2012), quando o autor problematiza o esvaziamento da sustentabilidade que evita conflitos sociais. No território da Chapada, educar é também revelar as escolhas que ameaçam ou sustentam a vida comum.

Pertencimento territorial não nasce de frases sobre amor à natureza, nem de atividades escolares desconectadas do cotidiano. Ele se constrói quando estudantes reconhecem o lugar como espaço de memória, trabalho, disputa, beleza, risco e futuro. Na Chapada dos Veadeiros, pertencer ao Cerrado não significa apenas admirar cachoeiras ou conhecer espécies vegetais, mas compreender as relações que tornam possível viver, circular, conservar e aprender nesse território. A educação precisa produzir vínculo, mas também análise crítica, para que o pertencimento não vire romantização da paisagem.

As bases legais brasileiras oferecem sustentação para essa abordagem, desde que não sejam tratadas como simples formalidade. A Lei nº 9.795/1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, afirma a presença da educação ambiental em todos os níveis e modalidades de ensino. Já a Resolução CNE/CP nº 2/2012, ao estabelecer as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, reforça seu caráter crítico, permanente e interdisciplinar. O desafio está em fazer a norma chegar ao currículo vivo da escola, e não apenas ao projeto pedagógico escrito.

A Base Nacional Comum Curricular — BNCC (Brasil, 2018) também permite aproximar sustentabilidade e território quando orienta o trabalho com competências ligadas à argumentação, responsabilidade, conhecimento científico, cultura local e atuação social. Na Chapada dos Veadeiros, isso significa não restringir o Cerrado ao componente de Ciências. Geografia, História, Língua Portuguesa, Arte e projetos interdisciplinares podem investigar água, fogo, turismo, memória, paisagem, trabalho e conservação. O currículo ganha densidade quando se deixa atravessar pelo lugar em que a escola está inserida.

Trabalhar a Chapada como território educativo exige reconhecer que a educação ambiental não possui um único caminho. Ao discutir as diferentes correntes do campo, Sauv  (2005) ajuda a perceber que há práticas mais naturalistas, conservacionistas, resolutivas, críticas e transformadoras. Essa distin o importa porque nem toda atividade sobre natureza produz

formação crítica. Uma visita a uma trilha, por exemplo, pode reforçar consumo da paisagem ou abrir perguntas sobre manejo, acesso, trabalho, conservação, riscos, desigualdades e responsabilidades compartilhadas.

A escola também precisa reconhecer os saberes que circulam fora de seus muros. Guias, moradores, brigadistas, trabalhadores do turismo, comunidades tradicionais, gestores ambientais e estudantes carregam experiências distintas sobre o Cerrado. Essa escuta, no entanto, não pode transformar sujeitos locais em enfeite cultural ou prova de autenticidade. É preciso construir diálogo real, no qual a experiência de quem vive o território seja respeitada, tensionada e articulada ao conhecimento escolar. Assim, o saber local não substitui a ciência, mas também não é apagado por ela.

Na perspectiva freireana, a educação se realiza pela leitura crítica da realidade e pela possibilidade de ação sobre o mundo vivido. Essa contribuição de Freire (1996) é decisiva para pensar a Chapada dos Veadeiros como território educativo, porque impede que estudantes sejam vistos como receptores passivos de conteúdos ambientais. Eles podem observar, perguntar, registrar, comparar, entrevistar, mapear, narrar e propor intervenções. A sustentabilidade deixa de ser uma palavra ensinada de fora e passa a ser construída na relação entre escola, comunidade e Cerrado.

Práticas pedagógicas vinculadas ao território podem assumir diferentes formas: cartografias socioambientais, mapas afetivos, estudos de nascentes, análise de queimadas, rodas com moradores, leitura de paisagens, produção de relatos e debates sobre turismo responsável. O mais importante é que essas ações não virem roteiro pronto. Cada escola precisa partir de suas condições, de seus estudantes e das tensões presentes no entorno. A Chapada educa justamente porque não entrega respostas simples; ela obriga a escola a lidar com complexidade, conflito e responsabilidade.

Portanto, pensar educação ambiental crítica na Chapada dos Veadeiros significa assumir que o Cerrado é mais do que tema curricular. Ele é território de vida, disputa, pertencimento e formação pública. A sustentabilidade só ganha densidade quando vinculada à participação social, à leitura crítica da realidade e à defesa do bem comum. Nesse sentido, educar não é apenas ensinar a preservar, mas formar sujeitos capazes de compreender por que, para quem e contra quais forças se torna necessário proteger o Cerrado como espaço de memória, existência e futuro coletivo.

A Chapada dos Veadeiros como território educativo: possibilidades pedagógicas para a sustentabilidade

Compreender a Chapada dos Veadeiros como território educativo significa assumir que a aprendizagem não nasce apenas da transmissão de conteúdos ambientais, mas do encontro crítico entre escola, lugar e experiência social. O Cerrado aparece nas trilhas, nas águas, nos incêndios, nas formas de trabalho, nas práticas turísticas e nas memórias de quem vive o território. Essa leitura dialoga com Carvalho (2017), quando a autora compreende a formação ecológica como construção ética e sensível diante do mundo comum. A paisagem, portanto, não é ilustração: é fonte de perguntas, conflitos e responsabilidades permanentes.

Práticas pedagógicas voltadas à sustentabilidade precisam escapar do uso superficial da Chapada como passeio escolar ou cenário de contemplação. Uma visita a uma cachoeira, por exemplo, só se torna educativa quando é antecedida por investigação, acompanhada por observação orientada e retomada em sala como problema de análise. Sem esse movimento, a escola corre o risco de apenas reproduzir o olhar turístico que consome a beleza do lugar sem compreender suas condições de existência, seus limites ecológicos, suas formas de trabalho e os sujeitos que sustentam a vida no território local e suas tensões cotidianas.

A cartografia socioambiental constitui uma possibilidade relevante porque permite aos estudantes mapear relações, e não apenas localizar pontos no espaço. Nascentes, trilhas, áreas queimadas, rotas turísticas, zonas de moradia, caminhos de acesso, espaços de conservação e lugares de conflito podem revelar como o Cerrado é vivido e disputado. Essa proposta se fortalece quando Reigota (2017) compreende o meio ambiente como representação social, pois o mapa deixa de ser desenho neutro e passa a registrar percepções, memórias, desigualdades, pertencimentos e responsabilidades coletivas locais e permanentes.

O estudo da água pode organizar práticas interdisciplinares consistentes na Chapada dos Veadeiros, sobretudo porque rios e cachoeiras costumam ser apresentados como atrativos turísticos, mas expressam dependências ecológicas e sociais mais profundas. Investigar nascentes, usos comunitários, saneamento, fluxo de visitantes, períodos de seca e formas de proteção permite aproximar Ciências, Geografia, História e Língua Portuguesa. O tema ganha força quando deixa de ser apenas conteúdo

sobre recursos hídricos e se transforma em pergunta sobre permanência, acesso, cuidado e justiça ambiental no Cerrado e comunidade.

O fogo também precisa ser trabalhado com rigor, sem simplificações. No Cerrado, ele integra determinadas dinâmicas ecológicas, mas as queimadas descontroladas, o manejo inadequado e a negligência pública produzem danos graves à biodiversidade e à vida das comunidades. Ao situar a educação ambiental como prática social crítica, Loureiro (2012) permite compreender que o tema não pode ser tratado apenas como comportamento individual, mas como questão de política pública, gestão territorial, conhecimento científico, saber local e responsabilidade coletiva diante do bioma e da vida comum no território escolar.

O turismo responsável é outro eixo decisivo para pensar a Chapada como território educativo. A escola pode analisar como a região é divulgada, quem trabalha nos atrativos, quais regras organizam a visitação, que impactos atingem rios e trilhas e de que modo a renda circula no território. Esse debate evita tanto a condenação simplista do turismo quanto sua celebração automática. A questão pedagógica mais importante é fazer os estudantes perceberem que a sustentabilidade depende de escolhas concretas, limites de uso, participação social e compromisso com a permanência do Cerrado e de seus sujeitos locais.

A escuta dos sujeitos locais amplia a potência da educação ambiental quando é conduzida com respeito e intenção formativa. Moradores, guias, brigadistas, trabalhadores do turismo, gestores ambientais e comunidades podem apresentar leituras diferentes sobre água, fogo, visitação, mudanças na paisagem e formas de pertencimento. Essa direção encontra base em Freire (1996), para quem a educação se realiza na leitura crítica da realidade e no diálogo com os sujeitos. Escutar, nesse caso, não significa recolher depoimentos decorativos, mas reconhecer saberes e tensioná-los com a análise escolar crítica e situada.

Projetos de leitura, escrita e comunicação pública também podem fortalecer a relação entre escola e Cerrado. Relatos de campo, crônicas, cartas abertas, podcasts, mapas afetivos, fotografias comentadas e textos argumentativos ajudam os estudantes a transformar observações em pensamento organizado. A linguagem deixa de ser atividade complementar e passa a constituir forma de disputa de sentidos sobre o território. Escrever sobre a Chapada, nessa perspectiva, é aprender a nomear problemas, sustentar posições, confrontar versões e participar do debate público sobre sustentabilidade, memória e futuro comum.

No campo curricular, essa proposta encontra respaldo na Resolução CNE/CP nº 2/2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental e reforça seu caráter crítico, contínuo e interdisciplinar. A BNCC (Brasil, 2018) também permite articular sustentabilidade às competências relacionadas à argumentação, responsabilidade, conhecimento científico e atuação social. O desafio, contudo, não é apenas citar esses documentos, mas fazer com que eles sustentem práticas reais, nas quais o Cerrado deixe de ser tema lateral e se torne eixo formativo da escola, da comunidade e do território.

Essas possibilidades pedagógicas não devem ser convertidas em sequência pronta de atividades. Cada escola precisa partir de sua realidade, de seus vínculos comunitários, de suas condições materiais e das tensões presentes no entorno. Um projeto sobre água, fogo ou turismo terá sentidos diferentes para estudantes que vivem na Chapada, para aqueles que a visitam ou para escolas que estudam o Cerrado à distância. Essa diferença não fragiliza a proposta; ao contrário, mostra que a educação ambiental crítica depende de contexto, escuta, adaptação e compromisso com o território e seus sujeitos locais no Cerrado.

A avaliação dessas práticas também precisa superar produtos escolares superficiais. Cartazes, relatórios e apresentações podem ser importantes, mas não bastam para verificar formação crítica. É necessário observar se os estudantes ampliaram sua capacidade de formular perguntas, relacionar causas e consequências, reconhecer sujeitos locais e posicionar-se diante dos conflitos. Nesse ponto, o diálogo entre Sauv  (2005) e Reigota (2017) ajuda a compreender que diferentes concepções de meio ambiente produzem diferentes formas de educar, avaliar e agir sobre a realidade vivida, escolar, comunitária e social.

Assim, a Chapada dos Veadeiros pode fortalecer práticas pedagógicas para a sustentabilidade quando é tratada como território de aprendizagem, e não como cenário natural a ser admirado. Suas águas, trilhas, queimadas, comunidades, formas de trabalho e conflitos permitem aproximar escola, ciência, memória e participação social. A educação ambiental crítica nasce dessa aproximação entre conhecimento e lugar vivido. Mais do que ensinar a preservar, ela pode formar sujeitos capazes de compreender o Cerrado como bem comum, espaço de disputa e responsabilidade coletiva no presente e no futuro comum do território.

Considerações finais

A reflexão desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender que a Chapada dos Veadeiros não pode ser tratada apenas como paisagem natural, destino turístico ou área de conservação. Seu sentido educativo nasce justamente da complexidade que reúne biodiversidade, água, fogo, turismo, comunidades, trabalho, pertencimento e conflitos socioambientais. Ao situá-la no contexto do Cerrado, o estudo mostrou que educar para a sustentabilidade exige enfrentar o território como espaço vivo, marcado por disputas e por responsabilidades coletivas que ultrapassam discursos genéricos de preservação da natureza.

O objetivo proposto foi analisar as possibilidades de articulação entre educação, sustentabilidade e território na Chapada dos Veadeiros, discutindo como o Cerrado pode ser trabalhado pedagogicamente a partir de uma perspectiva crítica e contextualizada. A análise bibliográfica e documental indicou que esse caminho é possível quando a educação ambiental deixa de ser compreendida como transmissão de informações ecológicas e passa a ser assumida como prática formativa, política e territorial. O Cerrado, nesse sentido, não aparece apenas como conteúdo escolar, mas como condição concreta de vida, memória e futuro.

A primeira seção evidenciou que o Cerrado é um bioma estratégico, diverso e ameaçado, cuja importância foi historicamente diminuída por leituras que o transformaram em área disponível para exploração. A Chapada dos Veadeiros expressa, em escala territorial, essa tensão entre valor ecológico e pressão social. O Parque Nacional, o reconhecimento internacional, as águas, o fogo, a biodiversidade e o turismo revelam que a sustentabilidade não pode ser pensada apenas como conservação isolada de áreas naturais. Ela depende de políticas públicas, participação social, justiça ambiental e formação crítica vinculada ao território.

A segunda seção mostrou que a educação ambiental crítica precisa superar práticas escolares centradas em campanhas pontuais, atitudes individuais e mensagens moralizantes. Preservar, reciclar e economizar água são ações importantes, mas insuficientes quando não permitem compreender as causas sociais, econômicas e políticas da degradação. No contexto da Chapada dos Veadeiros, pertencimento territorial não significa apenas admirar a paisagem, mas reconhecer sujeitos, conflitos, memórias e escolhas que definem o uso do Cerrado. A escola ganha força quando ensina a ler essas relações e não apenas a repetir condutas corretas.

A terceira seção indicou que a Chapada dos Veadeiros pode fortalecer práticas pedagógicas consistentes quando é trabalhada como território educativo. Cartografias socioambientais, estudos sobre água e fogo, análise do turismo, escuta de moradores, produção de textos, mapas afetivos e projetos interdisciplinares são possibilidades relevantes, desde que não sejam transformadas em receitas prontas. O mais importante é que essas práticas aproximem conhecimento escolar, experiência territorial e problematização crítica. A sustentabilidade, nesse caso, não é tema decorativo do currículo, mas eixo de formação pública e responsabilidade comum.

Também se reconhece que o artigo possui limites, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica e documental, sem realização de entrevistas, observações de campo ou análise direta de práticas escolares na região. Essa delimitação, entretanto, não reduz sua relevância, pois permite organizar uma base teórica e metodológica para estudos futuros. Investigações posteriores podem ouvir professores, estudantes, guias, moradores, brigadistas, gestores ambientais e comunidades locais, ampliando a compreensão sobre como a educação para a sustentabilidade vem sendo construída, disputada ou silenciada no território da Chapada.

A principal contribuição do estudo está em defender que a educação ambiental precisa ser territorializada. No caso da Chapada dos Veadeiros, isso significa reconhecer que o Cerrado educa porque revela contradições concretas: encanta e ameaça, preserva e disputa, acolhe visitantes e desafia moradores, protege espécies e expõe desigualdades. A escola, ao assumir esse território como campo de aprendizagem, pode formar sujeitos capazes de interpretar o lugar em que vivem ou estudam, relacionar saberes científicos e experiências sociais, questionar impactos e participar de decisões que afetam a vida coletiva.

Conclui-se, portanto, que a Chapada dos Veadeiros constitui um território educativo potente para pensar a sustentabilidade do Cerrado em chave crítica, situada e transformadora. Sua defesa não depende apenas de normas ambientais, títulos de patrimônio ou ações de visitação controlada, mas de processos educativos capazes de produzir pertencimento, leitura crítica e compromisso público. Educar para a sustentabilidade nesse território é formar sujeitos que compreendam o Cerrado como bem comum, espaço de vida e campo de disputa, cuja permanência exige conhecimento, responsabilidade e ação coletiva.

Referências

- AB’SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1999. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm. Acesso em: 22 jun. 2026.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília, DF: CNE/CP, 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/resolucoes/resolucoes-cp-2012>. Acesso em: 22 jun. 2026.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 jun. 2026.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. **Cerrado**. Brasília, DF: MMA, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas/biomas-e-ecossistemas/biomas/cerrado>. Acesso em: 22 jun. 2026.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2017.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papirus, 2004.
- ICMBIO. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros**. Brasília, DF: ICMBio, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/cerrado/>

lista-de-ucs/parna-da-chapada-dos-veadeiros. Acesso em: 22 jun. 2026.

KLINK, Carlos A.; MACHADO, Ricardo B. Conservation of the Brazilian Cerrado. **Conservation Biology**, Washington, v. 19, n. 3, p. 707-713, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1523-1739.2005.00702.x>. Disponível em: <https://conbio.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1523-1739.2005.00702.x>. Acesso em: 22 jun. 2026.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Para onde vai a educação ambiental? O cenário político-ideológico da educação ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 388-411, 2012. DOI: <https://doi.org/10.20500/rce.v7i14.1677>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1677>. Acesso em: 22 jun. 2026.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política**. São Paulo: Cortez, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2017.

RIBEIRO, José Felipe; WALTER, Bruno Machado Teles. As principais fitofisionomias do bioma Cerrado. In: SANO, Sueli Matiko; ALMEIDA, Semíramis Pedrosa de;

RIBEIRO, José Felipe (ed.). **Cerrado: ecologia e flora**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. p. 151-212. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/186922/1/CERRADO-Ecologia-e-flora-VOL-1-152-213.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2026.

SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/hn8HWBV6NQJHmtMJrqTKBn/>. Acesso em: 22 jun. 2026.

UNESCO. **Cerrado Protected Areas: Chapada dos Veadeiros and Emas National Parks**. Paris: UNESCO World Heritage Centre, 2001. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1035/>. Acesso em: 22 jun. 2026.